

A filosofia no ciberespaço

Celso Cândido*

SÓCRATES: - O uso da escrita, Fedro, tem um inconveniente que se assemelha à pintura. Também as figuras pintadas têm a atitude de pessoas vivas, mas se alguém as interrogar conservar-se-ão gravemente caladas. O mesmo sucede com os discursos. Falam das coisas como se as conhecessem, mas quando alguém quer informar-se sobre qualquer ponto do assunto exposto, eles se limitam a repetir sempre a mesma coisa.

Platão, *in* Fedro

1.

Hoje, poucos são capazes de contestar a importância crescente do ciberespaço no mundo contemporâneo, seja nos negócios, nas telecomunicações, nas organizações, na comunicação interpessoal, na cultura, na pesquisa, em suma, em toda atividade humana que envolve fortemente o intelecto.

Considere-se de um lado que a subjetividade e a sociabilidade humana são fundadas, em grande parte, em atos lingüísticos e de outro que o modo de produção contemporâneo é já amplamente hegemônico pelo trabalho robótico e intelectual, e se chegará à verdadeira importância do ciberespaço nos dias de hoje. E de certa forma ele será um espaço cada vez mais fundamental no conjunto do intercâmbio e da atividade humana planetária.

Diante do furacão cibernético, o que dizem e pensam os filósofos? É o fim ou uma nova oportunidade da filosofia? Que será filosofar neste novo espaço intercultural, livre, em expansão permanente? Muitas questões estão em jogo para os filósofos e para a filosofia. Aqui, entretanto, simplesmente

gostaria de propor uma breve análise da filosofia e seu ensino, sem outro objetivo do que apontar alguns aspectos relevantes no debate atual sobre a filosofia no ciberespaço.

Assim, qual o lugar da filosofia e seu ensino no ciberespaço? E qual o lugar da escola no ciberespaço e do ciberespaço na escola? As respostas a estas questões sem dúvida não serão simples, tampouco fáceis. E certamente terão que estar além dos preconceitos tão comuns em nossas escolas e academias - sejam eles filosóficos, pedagógicos ou sociológicos.

Penso que a abordagem dos problemas aqui implicados poderia ser elaborada a partir de uma discussão, ainda que provisória e esquemática, dos termos principais deste debate, porque nem o que entendemos por "filosofia" ou "ensino" nem tampouco por "ciberespaço" ou "escola" é evidente e muito menos consensual.

2.

Foi Kant quem, indiretamente, definiu o essencial na relação ensino-aprendizagem da filosofia. Segundo ele nós não aprendemos filosofia, simplesmente porque não há nada para aprender. E se nada há para aprender tampouco há algo a ensinar. Quer dizer, a filosofia não é um corpo definido de conhecimentos bem definidos e acabados, o qual os professores de filosofia deveriam ensinar e os alunos aprenderem para depois simplesmente "reproduzirem". A filosofia é, de fato, uma "disciplina" não acabada, em construção permanente; ela é um sistema em evolução e contradição perpétuo e que só se aprende no seu exercício, ou seja, pensando por si

mesmo. Assim, diz Kant, só se aprende filosofia fazendo um uso pessoal e autônomo da própria razão e não um uso meramente servil e imitativo. Isto indica que a filosofia é uma prática concreta e específica. Uma prática que, entretanto, se materializa na elaboração imaterial de conceitos, idéias e problemas teóricos.

Em todos os tempos e lugares, os seres humanos questionaram o sentido do mundo e de suas existências. Inventaram uma linguagem para melhor entender a si e conviver com os outros. É imorredoura e sempre crescente a vontade de saber humana, de auto-conhecimento do indivíduo e desenvolvimento da civilização.

A filosofia, tal como a conhecemos, tem suas origens na antiga Grécia quando o *lógos mítico* transforma-se e dá lugar ao *lógos racional* ao mesmo tempo em que o *anthropos* passa a ocupar o lugar central no universo que o cerca e, assim, dota-se de instrumentos para pensar o seu passado e projetar o seu futuro. A filosofia surge no momento em que *humano procura explicar por seus próprios meios seu mundo e sua existência*. Quais são as razões, as causas deste ou daquele fenômeno? Quem sou eu? O *anthropos* defronta-se consigo mesmo em um universo imenso, desconhecido e cheio de mistérios... Então, as perguntas fundamentais deixam de ser respondidas pelos oráculos e seus decifradores, os sacerdotes, os quais interpretam a linguagem divina e a traduzem em linguagem humana. Desde então, as perguntas fundamentais devem ser respondidas no horizonte do *lógos humano racional*.

Agora, é na *Ágora* que os cidadãos da *pólis* discutem e debatem os seus destinos, a justiça, a verdade, a guerra e a paz. É na *Ágora* que Sócrates, seus amigos e discípulos, discutem e debatem em busca da verdade e sabedoria.

É deste diálogo aberto em praça pública que emerge a prática filosófica e democrática, com todas as suas contradições mais ou menos dramáticas. - Lembramos que é nesta mesma *Ágora* que Sócrates é condenado à morte.

Deste modo, a filosofia começa com o diálogo público aberto. Ela é a própria prática deste diálogo. E se é verdade que a arte do ensino da filosofia, é o favorecimento, a criação de condições materiais e imateriais para desenvolvimento da sua própria experiência filosófica - o ato de filosofar com o próprio pensamento -, então a prática do ensino da filosofia consiste na prática de um diálogo que envolve o pensamento livre e autônomo.

Mas o diálogo é sempre desigual. É contraditório e colaborativo ao mesmo tempo. Uma idéia, uma troca de idéias ou de impressões, são sempre perspectivas diferenciadas. Todos colaboram, todos falam e ouvem. Alternam-se os papéis, o que falou antes, escuta agora. Há os que falam mais, os que falam menos, os que ouvem mais e os que ouvem menos. Os que sabem mais e os que sabem menos. Mas todos sabem algo, algo de relevante, em todo caso, todos querem saber algo de relevante acerca de si e de seu mundo.

Assim, trata-se de ensinar o pensamento livre. O amor ao pensar autônomo e ao pensar livremente. Ensinar o valor do mundo, das pessoas e das coisas. Ensinar filosofia, *fazendo filosofia* - e não se limitar a reproduzir mecanicamente pensamentos alheios. Ensinar que, em última análise, será sempre um apreender, pois todo ensinar é também necessariamente um

aprender. Ensinar é aprender, e aprender é ensinar. Não se pode ensinar o que não se aprendeu antes. Pode-se - e deve-se - aprender quando se está ensinando. Quanto mais se ensina, mais se aprende... Não é o discípulo que ensina ao mestre a arte de ser mestre; Trata-se sempre de um ensinar a aprender e um aprender a ensinar. De um ensinar a aprender o tempo todo. De um aprender a aprender em qualquer lugar.

Ensinar filosofia é ensinar a arte do diálogo. Ensinar a riqueza do diálogo. Ensinar o gosto e a disciplina do diálogo. Realizar a experiência do diálogo, a [*διαλεκτικῆ τέχνη*](#), tal como a entendia Platão.

3.

O diálogo humano acontece, evidentemente, no horizonte da linguagem. E todo *legein* lingüístico tem o seu correspondente *teukhein* lingüístico. (1) Quer dizer, toda linguagem tem uma técnica que lhe é própria. As regras da gramática, o sentido das palavras, a ordem das letras, as regras do discurso oral e escrito, o suporte que o sustenta, etc. Não há pensamento fora da linguagem e de suas técnicas.

Diria-se então que o diálogo filosófico desenvolveu-se até os dias de hoje a partir de três grandes interfaces ou técnicas lingüísticas. Da mais antiga "linguagem oral", dinâmica, pública, comunitária, local, passando pela "interface escrita", relativamente imóvel, mas expansiva, indo além das fronteiras, até chegar ao atual "diálogo hipertextual" planetário.

Sem dúvida, diante da venerável tradição do diálogo oral, encerrada simbolicamente com Sócrates, de acordo com a perspectiva platônica, o texto

como novo *teukhein* do diálogo humano demarca uma nova geração de filósofos e intelectuais. É Platão, sem dúvida, seguido pela sombra dos Sofistas que, paradoxalmente, começa esta imortal tradição de filósofos que “escrevem seus discursos”. Lembramos sempre que Sócrates, para Platão ainda, o maior sábio, o último sábio, não deixou uma palavra escrita. Mas o mesmo Platão que não pode deixar de recorrer ao recurso da palavra escrita dirá, na famosa *Sétima Carta* que “nenhum homem de siso ousará confiar seus pensamentos filosóficos aos discursos e além do mais a discursos imóveis, como é o caso dos escritos com letras”. (PLATÃO, 1950, §. 343a) E no seu *Fedro*, é na boca do deus-rei egípcio Thamus, em reprimenda ao deus Thoth - inventor da escrita - que Platão alerta para o perigo da escrita (o *phármakon* conforme ensina Derrida). É assim que segundo Platão falou o deus-rei egípcio Tamuz:

‘Grande artista Thoth! Não é a mesma coisa inventar uma arte e julgar da utilidade ou prejuízo que advirá aos que a exercerem. Tu, como pai da escrita, esperas dela com o teu entusiasmo precisamente o contrário do que ela pode fazer. Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só se lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. Logo, tu não inventaste um auxiliar para a memória, mas apenas para a recordação. Transmites aos teus alunos uma aparência de sabedoria, e não a verdade, pois eles recebem muitas informações sem instrução e se consideram homens de grande saber, embora sejam ignorantes na maior parte dos assuntos. Em consequência, serão desagradáveis companheiros, tornar-se-ão sábios imaginários ao invés de verdadeiros sábios.’ (PLATÃO, 1958, §. 275ab)

Chama a atenção aqui o grande problema apontado por Platão com a invenção da escrita, qual seja, o da morte da “arte dialética”. Com o discurso

escrito perde-se o fundamental, a vivacidade e a mobilidade do *lógos* dialético.

Entretanto, com a emergência do hipertexto digital o *lógos* desterritorializa-se da página impressa, e dota-se de novos instrumentos vivos e flexíveis; ganha uma nova vida, uma nova dinâmica à velocidade da luz.

É neste novo modo de ser do *lógos* multimídia e intercontinental que se realiza e se realizará cada vez intensamente o diálogo humano. É nesta dialética eletrônica hipertextual que cresce e crescerá o debate e a criação filosófica contemporânea.

Não se está querendo anunciar aqui a “morte do livro”. Sem dúvida, o livro não acabará, mas dificilmente daqui para frente ele será o lugar privilegiado do debate filosófico em busca da verdade, como foi outrora. A forma do livro, sem dúvida permanecerá a sede de todas as letras, da poesia ao romance, ainda que ele se transforme em livro digital. O “discurso escrito com letras” não acabará, mas está sofrendo transformações profundas na medida em que deixa de ser uma tinta impressa sobre o papel e passa a habitar o suporte extremamente móvel e dinâmico do dígito binário.

De certa forma, a perspectiva do ciberespaço talvez seja a de que, enfim, a sala de aula e com ela a academia, tal como as conhecíamos nas épocas em que o *teukhein* lingüístico amalgamava-se na síntese entre o dizer e o escrever, no contexto de territórios e espaços bem definidos e delimitados, tenham chegado ao final. Agora na era da linguagem hipertextual hegemônica a sala de aula e a academia passarão cada vez mais a ocupar o ciberespaço, ou melhor, a se transformar, integrar e interagir no ciberespaço.

Em todo caso, a sala de aula e a acadêmica se transformarão de um modo irreversível e imprevisível, mas certamente serão muito diferentes daquelas projetadas e experimentadas pela sociedade industrial e sua cultura de massas, restritos às capacidades e limitações do texto impresso e da oralidade.

4.

Seja como for, a World Wide Web - *lócus* desta dialética hipertextual - transformou-se no principal meio de comunicação planetário e certamente sua significação crescerá ainda mais nos próximos anos. É difícil elaborar uma definição precisa do significado e impacto da Web para a escola e a filosofia, (2) mas talvez se pudesse indicar sem temeridade que a mensagem fundamental deste meio (3) seja o da intercriatividade, conforme ressalta com outros termos o seu criador Tim-Berners Lee; ou seja, o fato de que navegar na Web significa mais que estar interagindo, significa sobretudo tecer criativamente seu tecido cultural. É o "prossumidor" cultural. (4) Trata-se como diz Manuel Castells, de um meio de comunicação de "mão dupla", muito diferente dos meios de comunicação de massa como a televisão e o rádio tradicionais que são meios de mão única. Ou então como defende Pierre Lévy, trata-se de um meio de comunicação do tipo "todos-com-todos", enquanto a televisão, por exemplo, seria do tipo "um-para-todos".

Idéias como "Agora Virtual", "Alexandria Digital", são expressões que nos ajudam a compreender e ilustram a grandeza deste acontecimento monumental, mas estão longe de esgotar sua compreensão e riqueza. Nada há

de fato que se possa realmente comparar, do ponto de vista da experiência cultural humana.

Para que se possa avançar um pouco mais concretamente neste debate e tentar sair da mera perplexidade, e se entender com mais propriedade a passagem do “*lógos impresso*” para o “*lógos hipertextual*” e das implicações possíveis para a filosofia e seu ensino na sala de aula, potencializada e incrementada com e no ciberespaço, vamos nos situar diante de dois grandes inventos da imaginação e da vontade de saber humana, um pertencente ao século XVIII, a *Encyclopédie* e outro ao século XXI, a *Wikipedia*.

O projeto monumental da primeira *Encyclopédie* de Diderot e D’Alambert que levou cerca de vinte anos para se concretizar (1751-1772), com seus trinta volumes de textos e ilustrações, 72 mil artigos escritos por cerca de 140 autores, pretendia reunir o conhecimento acumulado pela humanidade ao longo dos séculos.

Hoje com mais de um milhão de artigos e verbetes, e dezenas de línguas, a *Wikipedia* da Fundação *Wikimedia*, maior enciclopédia do mundo e que cresce a uma velocidade espantosa, levanta a bandeira da liberdade do conhecimento. (5) O objetivo principal da *Wikipedia* - e que está entre os quinhentos sites mais visitados da Web - é construir uma verdadeira “enciclopédia livre”. O fundamental aqui é que o “livre” não diz respeito somente ao fato de que qualquer pessoa, de qualquer parte do mundo, a qualquer tempo, possa acessar os artigos livremente, mas também e talvez

principalmente ao fato de que todas as pessoas, sejam elas quem for, podem criar livremente os artigos.

Trata-se de uma escritura dialética, na qual o texto pode ser manipulado livremente por quem quer que seja. O texto pode ser alterado, acrescido, deletado, manipulado do modo que melhor convier ao *wikipedista*. O texto torna-se então a expressão de uma verdadeira inteligência coletiva em movimento, onde o pensamento cresce e se aperfeiçoa, fazendo nascer uma nova e poderosa inteligência.

Sem dúvida, esta grande liberdade tem suas contradições inevitáveis. Mas trata-se de uma liberdade que é também monitorada pela própria comunidade com regras de “boa conduta”, com “limites” e que pode decidir por si mesma eliminar um artigo inconveniente, oportunista, e mesmo os vandalismos eventuais.

Aqui interessa perceber desde logo o movimento de uma nova “inteligência coletiva”, com seus talentos dispersos pelo mundo todo, mas reunidos em torno do mesmo objetivo de criação e difusão livre do conhecimento. É um movimento, uma espécie de ONG, na qual as pessoas trabalham voluntariamente com o único objetivo de difundir o conhecimento.

Todas contribuições devem ser originais e são mecanicamente assinadas e listadas na forma de um histórico de todas as intervenções realizadas no artigo, procurando assim garantir que não haja violação de direitos autorais com cópias indevidas de idéias de terceiros, ao mesmo tempo em que responsabiliza diretamente o autor deste ou daquele artigo ou intervenção - como em todo organismo autônomo: *não há direito sem dever*.

Os inventores da primeira enciclopédia eram um grupo seletivo de intelectuais com vastos conhecimentos. A *Encyclopédie* fundamentava sua autoridade intelectual no talento do pequeno grupo de gênios da cultura que eram os enciclopedistas. A *Wikipedia*, por sua vez, envolve no seu desenvolvimento milhares de cérebros humanos e de todos os tipos possíveis. Diante disto, ao contrário do que alguns “rigorosos” gostariam de apontar logo como defeito irreparável, situa-se a grande potência do seu projeto, pois trata-se de uma comunidade auto-regulada que se debate em busca de criação, desenvolvimento e aquisição de conhecimento. É uma verdadeira comunidade do conhecimento, intercontinental, transdisciplinar e autônoma.

Sem dúvida, sempre, em especial nos regimes onde reina a liberdade, se estará exposto a toda sorte de riscos e perigos. Mas os riscos e perigos são mínimos se comparados à grandeza e riqueza do projeto-programa da inteligência coletiva que envolve a *Wikipedia*. (6) Todo o tipo de contradições podem surgir em um projeto-programa deste porte. Por exemplo, aqueles surgidos entre os “bem-intencionados” e suas idéias próprias, pois bastam duas pessoas se encontrarem, dialogarem por uns minutos para verem que suas perspectivas são diferentes e às vezes divergentes. O desejo de criar, difundir, elaborar conhecimento é desde os tempos mais remotos cheio de percalços, contradições, criações geniais e grandes erros. E dificilmente existirá método filosófico ou ordem política que seja capaz de por um fim a isto. Nem, é claro, isto seria desejável, pois justamente o conhecimento cresce, a acuidade intelectual se desenvolve, também nestes processos não consensuais e contraditórios. Sem dúvida, em algumas circunstâncias, pode acontecer de uma pessoa insistir em um ou outro ponto de vista realmente

equivocado. Mas se se quisesse eliminar os equívocos da vida humana, seria uma forma talvez “bem-intencionada” de eliminar parte essencial da própria natureza humana equivocante. Basta aqui olhar para grandes tradições da ciência e da cultura em que, verdades indiscutíveis em épocas anteriores, as vezes por séculos, demonstraram ser equivocadas a um determinado tempo. Vivemos, pois no equívoco, ou pelo menos, na sua iminência absoluta, desde que aceitamos nossa condição humana, finita e singular no mundo.

Com a Wikipedia temos um exemplo notável desta nova arte dialética eletrônica emergente, deste novo diálogo humano, planetário, intercontinental, transdisciplinar, público, livre.

Para concluir, uma última observação. A situação do conhecimento hoje é completamente diferente daquela em que viviam os enciclopedistas pioneiros. Depois do “big bang” científico e disciplinar dos últimos dois séculos, seguido da incontrolável expansão da multimídia eletrônica, associada à emergência de uma nova relação com o saber. Na idade da pedra do saber, como disse Pierre Lévy, o saber deixou de ser do tipo “estoque” para se transformar em “saber-fluxo”, na medida em que se acelera a multiplicação e a renovação dos saberes. Nesta idade, vivemos no paradigma da complexidade, da ciência epistêmica e da transdisciplinaridade.

Nesta nova situação do conhecimento, portanto, parece-nos que apenas a nova dialética hipertextual é capaz de fazer o pensamento se tornar contemporâneo de seu próprio tempo.

Deste modo, todos aqueles que desejam filosofar, ensinar e aprender a filosofar, realizar o diálogo filosófico hoje - nas salas de aula e fora delas - estão convidados não apenas a conhecer, mas fundamentalmente a se apropriarem criativamente da admirável rede do *lógos* dialético hipertextual que unifica a mente humana em sua infinita riqueza e diversidade.

Verão 2005.

Notas

* Professor e Coordenador do Curso de Filosofia, UNISINOS. Mail: << ccandido@unisinis.br >>. Web: << <http://caosmose.net/candido> >> .

1. Tomo as expressões *legein* e *teukhein* a partir da elaboração do filósofo Cornelius Castoriadis. O *legein* é a dimensão “conjuntista-identitária” do “distinguir-escolher-estabelecer-juntar-contar-dizer” e o *teukhein* a do “juntar-ajustar-fabricar-construir”. Trata-se, em outras palavras, da *tecnicidade* imanente a todo *linguajar*.
2. Para uma análise mais elaborada, remeto aqui à minha pesquisa de doutorado que encontra-se integralmente publicada em: << <http://www.agoravirtual.net/hipertexto/> >>.
3. “Prossumidor” é uma palavra inventada por Alvin Toffler para designar a nova imagem do indivíduo que é o produtor e consumidor de seus bens na “Terceira Onda”.
4. Faço referência aqui a uma idéia muito cara a McLuhan, a de que o “meio é a mensagem”.
5. A Wikipedia, na versão em língua portuguesa (com mais de trinta mil artigos) encontra-se no seguinte endereço: << <http://pt.wikipedia.org/> >>.
6. Talvez, o maior risco que hoje de fato estamos expostos com a emergência do *lógos* hipertextual em nossas escolas e no ensino de filosofia é o fato de que mestres e discípulos estejam falando línguas diferentes. O difícil diálogo dos “mestres do texto” diante de uma nova geração de “discípulos do hipertexto”.

Referências

- BERNERS-LEE, Tim. *Weaving the web: the original design and ultimate destiny of the world wide web*. New York: HarperCollins, 2000.
- BUSH, Vannevar. *As we may to think*. << <http://www.theatlantic.com/unbound/flashbks/computer/bushf.htm> >>, em 07.07.2000.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. *A Galáxia Internet, reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- DE MASI, Domenico. *Criatividade e grupos criativos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- HEIM, Michael. *The metaphysics of virtual reality*. New York: Oxford Universty Press, 1993.
- KANT, Immanuel. *Lógica*. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1992.
- JOHNSON, Steven. *Cultura da Interface*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Emergência - a dinâmica (sic) de rede em formas, cérebros, cidades e softwares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: 34, 1994.
- _____. *L'intelligence collective, por une anthropologie du cyberspace*. Paris: La Découverte et Syros, 1997a.
- _____. *Cyberculture*. Paris: Odile Jacob, 1997b.
- _____. *Qu'est-ce que le virtuel?* Paris: La Découverte et Syros, 1998.
- _____. *Cyberdémocratie*. Paris: Odile Jacob, 2002.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A Árvore do Conhecimento*. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- NEGRI, Antônio. *Le travail*. << <http://perso.wanadoo.fr/marxiens/politic/revenus/saga.htm> >>, em 03.11.2002.
- NEGROPONTE, Nicolas. *Being digital*. New York: Vintage Books, 1996.
- _____. Being Wireless. *Wired*. San Francisco, p. 116-119, October 2002.
- PLATÃO. Les lettres. Lettre VII. In: _____. *Oeuvres Complètes*, v. VIII. Paris, França: Garnier, 1950.
- _____. Phèdre. _____. *Oeuvres Complètes*, v. III. Paris, França: Garnier, 1958.
- _____. Fedro. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- SCHAFF, Adam. *A Sociedade Informática*. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1990.
- SERRES, Michel. La société pédagogique. *Le Monde de L'Éducation*, de la culture et de la formation, hors-série, p. 6-8, Septembre 1998.
- TOFFLER, Alvin. *A Terceira Onda*. Rio de Janeiro: Record. s/d.
- TORVALS, Linus. *Só por Prazer*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- VIRILIO, Paul. *A Bomba Informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- WERTHEIM, Margaret. *Uma História do Espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.